



# SEXO E AS NEGAS: EMPODERAMENTO OU REFORÇO DOS ESTEREÓTIPOS DAS MULHERES NEGRAS NA MÍDIA

Camila Pereira Maia\*

Roberto Jardim da Silva\*\*

\* Graduada em Ciências Sociais e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPR

\*\* Graduado em Ciências Sociais, Mestre em Sociologia e Doutorando em Sociologia pela UFPR

*PALAVRAS-CHAVE. Protagonismo. Estereótipos. Mulher Negra. Representatividade na Mídia.*

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é analisar a minissérie “Sexo e as negas”, que foi ao ar na Rede Globo no período de 16 de setembro de 2014 a 16 de dezembro deste mesmo ano. Ela conta a história de quatro amigas, mulheres negras da periferia do Rio de Janeiro, que almejam crescimento profissional e/ou buscam uma relação afetiva satisfatória. A iniciativa de analisar a minissérie se deu a partir do fato de que esta causou muita polêmica, sobretudo entre ativistas e intelectuais negras, que a acusavam de reforçar os estereótipos relacionados as mulheres negras. Assim, nossa análise visa abranger as seguintes questões: 1. A minissérie promove uma representação positiva das mulheres negras e as coloca em uma posição de protagonismo, como se propõe, ou apenas reforça os estereótipos que as envolvem, no imaginário social? 2. Como o corpo das mulheres negras é representado e qual o modelo de relação afetiva é conferido a elas? Como referência para pensar a representatividade das pessoas negras na mídia será usado o pensamento de Joel Zito de Araújo(2008). E para pensar a construção e reforço de estereótipos será usado o conceito de estigma de Erving Goffman (1988). Para pensar a condição das mulheres negras no imaginário social brasileiro, usaremos como referência Suely Carneiro (1985), Ana Cláudia Pacheco (2008) e Lélia Gonzalez (1982). Constatou-se que a minissérie não foi capaz de romper com os estereótipos que envolvem as mulheres negras e seus corpos, assim como não foi capaz de colocá-las na posição de protagonistas, reforçando apenas os lugares sociais atribuídos a elas.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho foi elaborado visando fazer uma análise da minissérie “Sexo e as Negas” a fim de verificar e compreender se ela consegue romper com os estereótipos que envolvem ser mulher negra, existentes no imaginário social brasileiro ou se apenas os reforça, uma vez que, se propõe a representá-las de forma positiva, colocando as personagens da minissérie como protagonistas de suas vidas.

Optamos por começar a análise dessa produção audiovisual após o término de sua exibição. Primeiro para poder assisti-la de forma sequencial, buscando ter uma visão de todo conjunto da obra, para estabelecer assim conexões entre os episódios; segundo, para não sofrer influência dos diferentes pontos de vista gerados pela polêmica que a envolveu, uma vez que se tratavam, muitas vezes, de opiniões de cunho ideológico e pessoal.

O corpo do trabalho divide-se em cinco partes: na primeira, intitulada “Sobre a representação das mulheres negras na teledramaturgia brasileira: algumas considerações”, tratamos da forma como as personagens negras são representadas na teledramaturgia brasileira. Na segunda parte intitulada “Algumas considerações sobre a minissérie”, tratamos de forma breve as polêmicas que envolveram a minissérie, bem como de sua temática principal, além de apresentar as personagens. Na terceira parte intitulada “Até onde o protagonismo é permitido: o lugar ocupado pelas mulheres negras na minissérie”, tratamos dos limites do protagonismo das mulheres negras na série e até que ponto, e em que situações elas foram contempladas com tal posição. Na quarta parte, intitulada “A reprodução de estereótipos: a mulher negra, seu corpo e sua sexualidade”, abordamos as representações sociais do corpo das pessoas negras, dos

estereótipos negativos e, em que medida a minissérie os reforça. Na quinta e última parte, “Afetividade e relações familiares: o preterimento da mulher negra e a invisibilização da família negra”, tratamos do preterimento da mulher negra nas relações afetivas e da invisibilização da família negra na teledramaturgia, apontamos alguns exemplos deste último fenômeno na minissérie em questão, e buscamos também, uma explicação para tal situação a partir do ideal de branqueamento que permeia as relações raciais no Brasil, negando ou ocultando a reprodução da família negra, pois esta, não seria a ideal, partindo do princípio do branqueamento. Finalmente, a “Conclusão”, na qual tecemos nossas considerações finais acerca do objeto de análise.

## SOBRE A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS NA TELEDRAMATURGIA BRASILEIRA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Fazer uma análise da representação das pessoas negras na mídia é constatar que essa parte da população brasileira sofre com a invisibilização e com o reforço dos estereótipos raciais no meio televisivo. Tratando-se de um país como o Brasil, em que aproximadamente metade da população é negra, fica evidente tal invisibilização, uma vez que, na televisão brasileira as pessoas negras são a minoria, quando não são inexistentes, seja no elenco dos filmes, das novelas ou das minisséries.

Quando são representadas na televisão, de modo geral, aparecem em situação de total subalternidade. Como afirma Araújo (2008, pág. 979), “nenhum dos grandes atores e atrizes negros e negras da televisão brasileira escaparam dos papéis de escravo ou de serviçal”. No caso das mulheres negras, até a década de 1960, eram representadas de forma regular como



escravizadas e empregadas domésticas, bem como em uma releitura do estereótipo presente nos filmes norte-americanos, as “mammies”, geralmente senhoras que possuem o papel de cuidadoras, da mãe negra alternativa. Segundo Lima (2001, pág. 92) ainda nos anos 1990 a representação da doméstica é bastante recorrente, com algumas variações: herdeiras das mucamas, amas de leite, “bisbilhoteiras”, as que não sabiam “seu lugar”, submissas ou mesmo como objeto de desejo dos patrões. Outra recorrência apontada seria a relação fidelidade/subserviência entre pessoas negras e brancas, empregados e patrões brancos, característica herdada do patriarcalismo e reproduzido nas tramas urbanas e atuais.

Para Lima (2001, pág. 92) o estereótipo mais conhecido e, talvez, o mais aclamado não só na televisão como na música e em outras expressões artísticas é o da negra sensual e com outros atributos ligados ao corpo. Inclusive, a palavra “mulata” foi muito usada para designar as mulheres negras representadas dessa forma<sup>1</sup>.

A minissérie “Sexo e as Negas” aqui analisada corrobora com grande parte desses estereótipos, além de reforçar o lugar de não protagonismo das pessoas negras, bem como o preterimento da mulher negra, além de reforçar determinados lugares sociais atribuídos a estas.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A MINISSÉRIE

“Sexo e as Negas” é uma minissérie que foi ao ar na Rede Globo de Televisão no segundo semestre de 2014, no período de 16 de setembro a 16 de dezembro, sendo composta por 13 episódios. Seu idealizador foi o ator e diretor Miguel Falabella, também é o narrador da trama que busca contar a história de quatro mulheres da periferia do Rio de Janeiro, da Cidade Alta de Cordovil. Pretende-se que essas mulheres sejam empoderadas, autônomas e bem resolvidas, sobretudo no que diz respeito ao sexo.

A minissérie causou grandes polêmicas e quase deixou de ir ao ar devido a um boicote por parte do movimento negro nas redes sociais, de intelectuais e ativistas negras que não se sentiam nem um pouco representadas por ela e apontavam para os estereótipos nela reproduzidos, que reforçavam posturas racistas da sociedade brasileira.

Nos dias que precederam a estreia da minissérie, a ouvidoria da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) recebeu três denúncias de racismo. Essa foi a primeira vez que denúncias de machismo e de racismo chegaram ao governo por conta de produções televisivas (GELEDÉS, 2014).

Até a tarde do dia 12 de setembro (cinco dias antes da exibição da minissérie) já eram 17 as acusações de racismo que chegavam à SEPPIR. No Ministério Público Federal do Rio de Janeiro (MFP-RJ), também havia sido realizada uma queixa contra o programa (LIMA, 2014).

Na quarta feira, dia 10 de setembro, a SEPPIR autuou a Rede Globo e pediu mais informações sobre o conteúdo da minissérie. No documento de autuação a SEPPIR deixou evidente que também encaminhou as acusações ao Ministério Público no Rio de Janeiro para uma avaliação do caso (LIMA, 2014). Após tantas polêmicas e denúncias a minissérie foi ao ar.

Já no início é possível fazer algumas considerações sobre a questão do protagonismo uma vez que, as narrativas das histórias, que direcionam o olhar e a interpretação dos fatos é feita por Miguel Falabella e Cláudia Gimenez. Esta, interpreta

Jesuína de Paula, uma das moradoras mais antigas da Cidade Alta de Cordovil, também é responsável por um programa matinal que vai ao ar na rádio local, além de dona do bar, cenário de boa parte dos acontecimentos, uma vez que é o ponto de encontro das personagens.

As principais personagens são quatro mulheres negras moradoras desta comunidade, cujos nomes são: Zulma, Matilde, Soraia e Lia.

Deve-se refletir sobre alguns pontos importantes acerca dessas quatro personagens: O primeiro seria a questão do protagonismo, pois é importante observar se as mulheres negras do seriado em questão são realmente protagonistas em algum sentido e, se a resposta for afirmativa, em que aspecto está presente tal protagonismo. Uma questão importante para se pensar o protagonismo das personagens seria a vida profissional, em que, infelizmente, todas encontram-se em funções subalternas, quando não instáveis, o que reforça a ideia da mulher negra em situação de pobreza e/ou subserviência, logo esse quesito não contribui de forma positiva para o empoderamento dessas mulheres. O segundo ponto seria como o corpo dessas mulheres negras é representado, ocultado ou hipersexualizado em vários momentos da trama. O terceiro ponto está relacionado à questão da afetividade, uma vez que todas as personagens são mulheres solteiras que estão ou estiveram em relações controversas e conflituosas, o que nos leva ao quarto ponto que trata da representação das famílias negras, sempre fragmentadas ou inexistentes.

## ATÉ ONDE O PROTAGONISMO É PERMITIDO: O LUGAR OCUPADO PELAS MULHERES NEGRAS NA MINISSÉRIE

Embora a proposta da minissérie, desde o início tenha sido colocar as mulheres negras em um lugar de empoderamento, colocá-las como protagonistas de suas histórias, faz-se necessário relativizar tais lugares ocupados por elas durante a trama, principalmente com relação a outras personagens interpretadas por pessoas brancas, em especial, Jesuína de Paula.

A situação que melhor evidência a centralidade desta personagem, em relação às supostas “protagonistas” está presente já no primeiro episódio “Moto Contínuo” que foi ao ar no dia 14 de Setembro de 2014, cujo início já dá destaque a história de Jesuína, mostrando desde quem eram seus pais, como eles se conheceram, quando a personagem nasceu e como um incêndio em sua comunidade de origem, a “Favela dos Pintos”, a levou, juntamente com sua família e os outros moradores dessa comunidade para a o local onde se daria toda a trama do seriado, “a Cidade Alta de Corovil”. Logo a história dessa personagem se confunde com história da comunidade em questão, sendo importante observar que ela foi a única personagem a possuir efetivamente uma história de vida, uma vez que as supostas protagonistas não tiveram suas origens evidenciadas em momento algum. A Tilde e Soraia, por exemplo, foi negado até mesmo qualquer tipo de relações de parentesco, bem como à grande parte das demais personagens negras apresentadas.

Outra importante observação é o lugar ocupado por Jesuína durante toda a trama. Essa personagem é representada como alguém que gerencia quase todas as questões na comunidade, é comerciante, seu bar é cenário de várias situações apresentadas no enredo da minissérie, também é responsável pela rádio local os moradores e moradoras ouvem todas as manhãs suas

<sup>1</sup> Sobre a mucama na origem da construção da mulata, ver GONZALES, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. Ciências Sociais Hoje (2), Brasília, ANPOCS, 1983



reflexões acerca de várias questões. Ela também é uma representação da pessoa que detém sabedoria, e são essas mesmas reflexões apresentadas na rádio local que dão início ao tema central de cada episódio, ou seja, é ela quem lança as questões que serão abordadas. Dessa forma, suas falas direcionam a compreensão de quem assiste.

Pensando no lugar ocupado por ela, o protagonismo de Zulma, Tilde, Soraia e Lia acaba se tornando questionável, uma vez que, elas vivenciam as histórias, mas são as falas de Jesuína que direcionam o olhar do telespectador.

Em contrapartida, é necessário pensar quem são as supostas protagonistas, as quatro mulheres negras e também o lugar social ocupado por estas. Iniciando tal reflexão trazemos a tona a questão profissional: Zulma é assistente de uma atriz de teatro, ficando responsável por cuidar dos figurinos. Matilde estaria desempregada há três meses, e se preparava para casar com o pedreiro Adilson. Posteriormente ela passa a trabalhar em uma agência que promove eventos, recepcionando e servindo, entre outras atividades. Soraia é cozinheira, e, em um primeiro momento, trabalha em casa de família. Lia é recepcionista de uma churrascaria frequentada por famosos e pessoas influentes. Nenhuma delas se encontra em uma profissão não subalterna ou, que lhes assegure estabilidade econômica, assim como não são proprietárias de nada. Em comparação, Jesuína é a dona do bar, e o salão de beleza da comunidade é de propriedade de duas personagens também brancas, as gaúchas Gaudéria e Bibiana. Somente ao final, Soraia torna-se dona do estabelecimento comercial de Jesuína, onde passa a vender comida a preço popular, porém, isso só acontece porque a antiga proprietária vai embora da comunidade com seu novo companheiro, ou seja, Soraia torna-se proprietária apenas porque Jesuína sai de cena.

De acordo com Goffman (1998, pág.5) a sociedade estabelece formas de categorização dos indivíduos de acordo com atributos que lhes são considerados naturais. No caso das pessoas negras, no contexto conflituoso das relações étnico raciais no Brasil, são atribuídos a elas uma série de atributos negativos, além de uma série de estereótipos que reduzem suas capacidades e suas possibilidades. Partindo dessas pre-concepções elabora-se expectativas normativas e rigorosamente apresentadas.

Dessa forma, um indivíduo que poderia facilmente fazer parte das relações sociais em determinado ambiente, devido a determinado traço, nesse caso, traços físicos ou étnicos, que possui, pode não apenas afastar as pessoas em seu entorno, como também destruir qualquer possibilidade de atrair atenção para algum atributo seu que não corresponda ao estereótipo. Devido a isso, as personagens em questão jamais seriam representadas como mulheres bem sucedidas profissionalmente, ou de classe média alta, mulheres que se destacam pela intelectualidade ou mesmo mulheres com uma vida afetiva efetiva, cuja sexualidade não é animalizada ou negada, pois, ser pobre, subalterna, ser apenas corpo e não intelecto (seja um corpo para desempenhar serviços braçais, ou um corpo no sentido sexual) são aspectos que fazem parte do universo simbólico, dos estereótipos e estigmas que envolvem ser uma pessoa negra no Brasil.

Assim, os lugares sociais são estabelecidos e mantidos, no caso da minissérie em questão, as personagens negras protagonizam apenas conflitos amorosos, situações de racismo, assim como o que tange a questão sexual. Este último ponto, ainda com algumas ressalvas, como será discutido no item a seguir.

## A REPRODUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS: A MULHER NEGRA, SEU CORPO E SUA SEXUALIDADE

É evidente que os corpos constituem-se também a partir de processos sociais e psíquicos que ultrapassam muito seus limites biológicos. De acordo com Le Breton (2006), os corpos carregam em si atributos simbólicos que os tornam inteligíveis, tais atributos variam de acordo com o sistema sócio cultural no qual está inserido. Este corpo, por sua vez também cria significações e as dissemina na vida social e as traduz para os demais membros da comunidade.

No Brasil, em consequência de um passado escravista e dos conflitos que permeiam as relações raciais decorrentes desse mesmo passado, pode-se presumir que o preconceito racial bem como a leitura que é feita dos corpos negros, atribuindo-lhe inúmeros estereótipos negativos, fazem parte do sistema simbólico que rege as relações socioculturais em nosso país.

Fica evidente, ao longo dos 13 capítulos da minissérie, que boa parte dos estereótipos negativos acerca da mulher negra, seu corpo e sua sexualidade são reforçados. Primeiramente é possível pensar nos corpos negros que são evidenciados e aqueles que são ocultados, na sexualidade permitida e aquela que é apenas sugerida, mas nunca exposta.

Para pensar essas questões é necessário atentar para as particularidades de cada uma das personagens, suas características físicas, principalmente no que diz respeito a cor da pele. A partir de uma pequena explanação sobre o perfil das quatro personagens, é possível apontar para as particularidades da representação de seus corpos a partir do quesito cor de pele, padrão de beleza e estereótipos que envolvem a mulher negra.

A personagem Soraia, que incorporaria a “mulata fogosa”, tem vários parceiros ao longo da trama, mas nenhum permanente. O apelo sexual aparece mesmo nos locais de trabalho. Ela tem o corpo exposto com mais frequência que as demais personagens, sendo as cenas de sexo mais explícitas. Ela é a expressão de um dos estereótipos mais conhecidos, o da negra sensual. É possível apontar o fato de que o corpo da personagem em questão é exposto o tempo todo, não para ser um referencial de beleza, mas sim, por ser hipersexualizado.

Segundo Barreto (2005, pág. 105), a sexualidade da mulher negra está, no imaginário social, ligada ao animalesco, à natureza, reforçando as teorias racistas do século XIX que atribuíam determinadas características morais e comportamentais distintas às diferentes etnias (até então, entendidas por raças). De acordo com tais teorias pessoas negras seriam degeneradas moralmente, ou seja, seriam movidas por instintos, seriam apenas corpo, apenas natureza, não movidas por racionalidade ou mesmo qualquer preceito moral.

Para Seyferth (1995, pág. 130), embora existam visões relativamente otimistas sobre a miscigenação no Brasil – que têm relação com o ideal de branqueamento que permeia as relações étnico raciais nesse contexto, e que reportam a pessoa negra de pele mais clara, até então chamadas de “mulatos”, termo pejorativo que caiu em desuso, e que se enquadra perfeitamente a personagem Soraia – é sobre este sujeito que recaem os estereótipos de cunho sexual. Tais estereótipos sintetizariam o adágio que diz “preta para cozinhar, mulata para fumar e branca pra casar”.

Pode-se afirmar e perceber nas produções televisivas que a esperteza e ambição são estereótipos atribuídos aos “mulatos”, porém estes atributos vêm acompanhados de outros nada enaltecidos, como por exemplo, a falta de brio, o que fica bem evidente na representação da personagem Soraia, sendo





possível exemplificar com algumas situações gritantes apresentadas na série.

No episódio 5, intitulado “Puro Preconceito”, que foi ao ar dia 21 de Outubro de 2014, as quatro personagens entram em uma loja de roupas e, após experimentar várias peças, Soraia é abordada por um segurança que a acusa de roubo. Após ir parar na delegacia, sem comprovação de roubo, ela e as colegas formalizam uma queixa contra o segurança. Ao final do episódio, o mesmo segurança procura Soraia para pedir desculpas, os dois fazem sexo e ela retira a queixa contra ele. No episódio 6, intitulado “O encaixe”, que foi ao ar no dia 28 de Outubro 2014, Soraia faz visitas sistemáticas ao hospital, simulando cólicas, para ser atendida por um enfermeiro, com quem ela faz sexo. Nos episódios seguintes, a personagem consegue um novo emprego, em que passa a ser assediada pela patroa. Mesmo afirmando não ser homossexual e não cedendo ao interesses desta, em um primeiro momento, ela acaba, ao longo da trama, aceitando se relacionar não apenas com a mulher mas sim com o casal de patrões, pois percebeu que poderia ter vantagens de cunho econômico.

Vale ressaltar que a liberdade sexual de Soraia não é o ponto problemático aqui, mas sim, a forma como a personagem é representada, como alguém que é movida por instintos sexuais. Ela chega até a abrir mão de reivindicar tratamento digno enquanto mulher negra, e de pedir retratação por um ato criminoso no momento em que retirou a acusação de racismo contra o segurança em troca de sexo; também pelo fato de ser retratada como dissimulada, ao inventar doenças para manter relações com o enfermeiro.

Já as demais personagens possuem uma sexualidade velada ou mesmo negada. Tilde seria a mais jovem, assim como Soraia, possui a pele de tonalidade mais clara e é retratada como a mais sonhadora, a que deseja, em um primeiro momento, o casamento e, posteriormente, ao longo da trama muda seu foco para os estudos. Esta aparece em poucas cenas de sexo e não existe apelo sexual com relação a seu corpo.

Zulma é a personagem cuja tez é mais escura, e cujo corpo é pouco evidenciado. Nas cenas de sexo, seu corpo aparece de uma forma não explícita, com pouca luz e de forma parcial. Isso causa uma inquietação que motiva a busca da compreensão das causas dessa necessidade de esconder ou dar pouca visibilidade a corpos pretos, sobretudo aquele que carrega de forma mais explícita os traços fenotípicos afrodescendentes, em uma minissérie em que o título sugere o sexo das mulheres negras.

Para Martins (2011, p. 162), “na fotografia, o que destrói não é a luz, mas a sombra descabida que tira o objeto de seus limites formais e o mostra como objeto visualmente anômico”. Dito de outra forma, ao minimizar a luz de uma cena de sexo, não se consegue ver quem está protagonizando aquela cena. No caso de Zulma, fica evidente a intenção, consciente ou não, de esconder corpos pretos.

As cenas de sexo em que a personagem Lia aparece também sofrem as mesmas intervenções que as cenas protagonizadas por Zulma, uma vez que esta, além de ser também uma das personagens cuja pele é mais escura, ainda é a personagem mais velha, sendo já avó. A forma como uma das cenas de sexo envolvendo a personagem Lia foi elaborada torna tais intervenções bem evidentes, deixando margem para se pensar que a sexualidade de uma mulher negra, que é mãe e avó não é interessante de ser mostrada. Ela e seu companheiro, também negro, ficam em segundo plano e uma taça de vinho em primeiro plano, sugerindo apenas a existência de duas pessoas em um ato sexual. Segundo Martins (2011, p. 162), na gravação de uma cena, a montagem do cenário e a escolha da disposição de objetos e pessoas em primeiro ou segundo não é

feita de forma desinteressada. Há por traz de cada cena gravada, uma intencionalidade e ela é motivada por visões de mundo já interiorizadas, ou seja, colocar Lia e seu parceiro em segundo plano reforça essa ideia de que o corpo de pessoas negras, sobretudo as mais velhas, assim como sua sexualidade deve ser velado.

Já nas cenas de sexo com Soraia também existe uma quebra de luz, mas essa ela é um pouco mais discreta que nas cenas com Zulma. Conseguem-se ver partes do seu corpo de forma explícita, mas, ao mesmo tempo, de forma rápida e mais sugestiva que evidenciadora. Vale lembrar que Soraia tem a cor da pele bem mais clara que Zulma, o que, na hierarquia racial pautada pelo branqueamento, a coloca num lugar “tolerável”, pois, de acordo com essa classificação hierárquica, a sexualidade negra é escondida, a branca é a valorizada e a sexualidade mestiça é tolerada, uma vez que, segundo Seyferth (1995, p. 198), a glorificação ideológica da miscigenação e da democracia racial fazem da “mulata” a “cor certa” da morenidade, por estar associada a um conjunto de características identificadas como pertencentes à estética branca, o que faz o corpo de Soraia menos agressivo a tal lógica.

Segundo Gomes (2002, p.42), essa comparação do corpo negro com o corpo europeu, tendo o último como referência para padronizar aquilo que é belo, surge no Brasil, já no século da escravidão e é pautada na forma como o corpo das pessoas negras era tratado:

Durante séculos de [escravidão], a perversidade do regime escravista materializou-se na forma como o corpo negro era visto e tratado. A diferença impressa nesse mesmo corpo pela cor da pele e pelos demais sinais diacríticos serviu como mais um argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas. Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais”. (GOMES, 2002, p. 42).

Assim o racismo em nosso país é configurado de forma a negar aquilo que efetivamente diferencia e caracteriza as pessoas negras: seus corpos.

Evidenciar os corpos negros, principalmente aqueles que se afastam de forma extrema do fenótipo branco e europeu, em um contexto como o brasileiro em que os padrões de beleza não contemplam os fenótipos afrodescendentes, assim como sugerir a existência de sexualidade e afetividade entre pessoas negras neste mesmo contexto – no qual imperam ideais branqueadores que não admitem qualquer referência à perpetuação de famílias negras - ainda é um grande desafio na teledramaturgia brasileira, desafio que não foi vencido pela minissérie em questão.

## **AFETIVIDADE E RELAÇÕES FAMILIARES: O PRETERIMENTO DA MULHER NEGRA E A INVISIBILIZAÇÃO DA FAMÍLIA NEGRA**

Da mesma forma que a sexualidade e a afetividade entre pessoas negras foi velada na minissérie, o mesmo pode se afirmar sobre a representação da família negra.

Segundo Lima (2001, p. 92), desde os anos 70 a teledramaturgia vem apresentando personagens negras com alguma projeção social, porém, tais personagens encontram-se



soltas, sem uma história própria, sem família ou núcleo social. Também aponta que várias outras produções teledramatúrgicas vêm incorporando em seus núcleos de destaque, famílias negras com diferentes arranjos, mas que, apesar disso, o desenvolvimento das tramas não contribuiu para a continuidade da família, o que evidencia famílias problemáticas e desestruturadas.

Tal aspecto fica bastante evidente ao analisar a situação das quatro personagens negras. Em primeiro lugar, nenhuma teve sua história de vida e a história de formação de sua família apresentada, como aconteceu com a personagem Jesuína de Paula. A personagem Tilde, que mora junto com Soraia, vive na comunidade desde criança, porém, não se faz nenhuma referência a seus pais, se ela tem irmãos, nem mesmo seu local de origem, o mesmo vale para Soraia. Lia por sua vez, tem como foco na trama sua a relação conflituosa com a filha, e com o ex-marido que é envolvido com o tráfico de drogas e outras atividades criminosas na comunidade. No decorrer da minissérie, a personagem estabelece vínculo afetivo com um homem, também negro, professor de literatura, mas não sem passar durante toda a trama situações de tensão com sua família. Zulma vive com seu pai e seus conflitos giram em torno das tentativas de estabelecer relações afetivas e, com isso, uma família própria. Tais tentativas se dão com aqueles chamados durante a minissérie de “homens possíveis”. Suas relações são, desde o início, cheias de conflitos, problemas e traições, o que acaba naturalizando a ideia de que uma mulher negra não pode “se dar ao luxo” de escolher um parceiro, devendo ter uma relação com quem se disponibilizar, independente da qualidade da relação, uma vez que pode não ter outras oportunidades de relacionar-se com alguém.

Isso reflete a situação de preterimento da mulher negra, apontada por Sueli Carneiro. Segundo ela: “[...] as mulheres negras são socialmente desvalorizadas em todos os níveis, inclusive esteticamente, como é verdadeiro também que as mulheres brancas constituem o ideal estético feminino em nossa sociedade” (CARNEIRO, 1995, p. 547). De acordo com Berquó (apud Pacheco, 2008, p. 4), as mulheres pretas e pardas estariam fora do “mercado afetivo” e naturalizadas no “mercado do sexo”, da erotização e do trabalho doméstico e escravizado, em contraposição as mulheres brancas que estariam relacionadas à “cultura do afetivo”, ou seja, seriam as mulheres para casar. Estas são elaborações que estariam no imaginário social e que ficam evidentes na minissérie, mesmo que apareçam de forma implícita e não intencional.

Porém a situação mais gritante com relação à personagem Zulma está relacionada ao nascimento do filho que teve com seu companheiro, também negro. Na maternidade, o pai do bebê aparece empolgado mostrando as centenas de fotos que tirou do filho, porém, ninguém vê essas fotos, elas não são apresentadas aos expectadores. Quando a enfermeira traz o bebê, este está todo encoberto, não se vê nem o rosto nem o corpo da criança. Cenas em que após o parto mostra-se a mãe com o bebê no colo e a família ao redor são clássicas, tanto na televisão quanto no cinema, mas o filho de Zulma não tem o direito nem de aparecer. Aparece apenas no último episódio, em uma cena muito breve, com duração de segundos. Uma criança negra nos braços de uma mãe e de um pai negro, neta de um avô negro. Esta é uma realidade que não se vê no cotidiano da teledramaturgia brasileira.

Fica evidente nestas cenas a invisibilidade da família negra brasileira. Parece que a reprodução da família brasileira é algo que não vale a pena ser evidenciado. A forma como as pessoas negras são retratadas na teledramaturgia é algo no mínimo estranho. Há uma intencionalidade nesta ação de esconder, que é motivada pelo impacto que se quer causar no telespectador, que também está imerso nesse mecanismo que

rege as relações étnico raciais no Brasil que é a ideologia do branqueamento, para invisibilizar a família negra e dar visibilidade à família branca ou branqueada. Segundo Hofbauer (2006, p. 18), o branqueamento vem sendo citado em estudos acadêmicos de forma recorrente e compreendido como um elemento característico do racismo no Brasil, conceito – chave para se compreender as relações raciais nesse contexto conflituoso. Logo, o desejo de branqueamento compartilhado consciente ou inconscientemente pelas pessoas brasileiras ainda constitui-se como uma grande barreira para superação das representações racistas, que envolvem as pessoas negras na mídia e na sociedade de forma geral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise feita sobre a minissérie “Sexo e as negras” pautou-se basicamente na representação da mulher negra na teledramaturgia brasileira no que diz respeito ao corpo, à afetividade ao protagonismo e à família. Depois de analisarmos diferentes momentos da minissérie, ficou evidente que tal programa também não conseguiu escapar da reprodução dos estereótipos presentes na teledramaturgia brasileira, atribuídos à mulher negra. Ela continua a ser representada como aquela que é pobre, com pouca formação escolar, que não vem de um lar estruturado e que, em muitas das vezes, não tem sequer pai ou mãe.

Concluiu-se também que uma produção audiovisual que busque pensar questões étnico-raciais sem de fato romper com os dois pilares do racismo brasileiro que são a democracia racial e o branqueamento apenas reproduz as cargas simbólicas que carrega o ser negro ou negra no Brasil, ou seja, reproduz todos os estereótipos. Em uma entrevista concedida à Rede Globo, o intelectual Joel Zito de Araújo, especialista na análise de teledramaturgia brasileira, afirmou que as telenovelas evoluíram bastante, mas que o Brasil partilha de um grande desejo de branqueamento. De fato, este, juntamente com a democracia racial, é o problema que permeou a série em quase todos os capítulos, uma vez que a questão racial foi minimizada e distorcida sistematicamente durante toda a trama.

Não se rompe com a representação apontada e criticada por Lélia Gonzalez (1982, p.224) em que a mulher negra possui dois papéis concomitantes: o da “mulata” e o da doméstica. A autora faz um retrospecto ao tempo da escravidão, pensando na relação existente entre as pessoas brancas e as chamadas “mucamas”, que, em certa medida, foram precursoras dessa representação que funde a ideia da mulher negra que exerce trabalhos domésticos e da mulher negra cujo corpo torna-se alvo de investidas sexuais dos senhores brancos dentro da casa grande. Além disso Gonzales (1980, p.227) usa o exemplo do Carnaval para falar dessa exaltação ao corpo da “mulata”, porque, nesse momento a mulher negra acaba sendo só corpo, só apelo sexual, uma representação que está evidente na personagem Soraia da minissérie em questão, sendo ela protagonista apenas nesse aspecto. Com relação à representação da negra doméstica, todas as demais personagens acabam por enquadrar-se, incluindo a própria Soraia, que é hipersexualizada e mesmo as que não trabalham necessariamente em casa de família, numa situação de subserviência, passando por situações de submissão e humilhação e até mesmo negociação sexual para se manterem-se no emprego, além disso, nenhuma delas possui cargos de chefia.

O empoderamento e a autonomia do ponto de vista sexual e até mesmo afetivo, que foram propostos pelo autor da minissérie não levam em consideração as especificidades do que é ser uma mulher negra no Brasil, dos estereótipos, das



demandas que lhes são próprias e de tudo aquilo que ainda lhes é negado.

## REFERÊNCIAS

Ainda precisamos debater sobre Sexo e as Nêgas. Geledés, 19 de novembro de 2014. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/ainda-precisamos-debater-sobre-sexo-e-negas/#axzz3JWYNg943>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia: um caso exemplar da decadência do Mito da democracia racial brasileira. Revista Estudos Feministas Vol. 16 n. 3. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/16>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

As mulheres negras em séries de TV ou a falta delas? Geledés. 23 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/mulheres-negras-em-series-de-tv-ou-falta-delas/#axzz3JuLX2400>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

Boicote nacional ao programa “Sexo e as negras” da Rede Globo. Face book. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Boicote-Nacional-ao-programa-Sexo-e-as-negas-da-Rede-Globo/275631862626353>>. Acesso em: 17 de setembro de 2014.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, Raça e Ascensão Social, Estudos Feministas, V-3, nº 02, 1995.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? Rev. Bras. Educ. no.21 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300004)>. Acesso em: 14 dez. 2014.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira in: Movimentos Sociais Urbanos, Minorias Étnicas e Outros Estudos. Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 1982.[1980].

Governo recebe denúncia de racismo contra minissérie global “Sexo e as negras”. Geledés. 09 de setembro de 2014. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/governo-recebe-denuncia-de-racismo-contra-miniserie-global-sexo-e-negas/#axzz3DUhhFAPN>>. Acesso em: 17 set. 2014.

HOFBAUER, Andreas. Uma história de branqueamento ou o negro em questão? São Paulo: UNESP, 2006.

LE BRETON David. La Sociologie du Corps. 8º edição. Paris : Presse universitaire de France, 1992.

LIMA, Ana Carola. Cresce o número de denúncias sobre racismo contra a série “Sexo e as Negas”. Televisão Uol, 12 set. 2014. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/09/12/cresce-o-numero-de-denuncias-sobre-racismo-contra-a-serie-sexo-e-as-negas.htm>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

LIMA, Solange Martins Corceiro de. A personagem negra na telenovela brasileira : alguns momentos. Revista da USP. São Paulo, n. 48, dez./fev. 200-2001. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/48/08-solange.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

MARTINS, José de Souza. Sociologia da Fotografia e da Imagem. São Paulo: Contexto, 2011.

NETO, Walacy. Ativista da causa negra afirma que não há dúvida sobre racismo em “Sexo e as negras”. Jornal Opção. Edição 2045, 16 de setembro de 2014. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/nao-tenha-duvida-que-esta-novela-e-prova-clara-estimulo-ao-racismo-disse-vice-presidente-conir-15402/>>. Acesso em: 17 set. 2014.

Nova minissérie sobre mulheres negras causa polêmica: “Globo, não sou tuas negras”; Varela Notícias. 09 de setembro de 2014. Disponível em: <<http://varelanoticias.com.br/nova-miniserie-sobre-mulheres-negras-causa-polemica-globo-nao-sou-tuas-negas/>>. Acesso em: 17 set. 2014.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. Campinas: [s. n.], 2008.

SEYFERTH, Giralda, A Invenção da Raça e o Poder Discricionário dos Estereótipos. Museu Nacional, UFRJ. Anuário Antropológico/93. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. Disponível em: <[http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario\\_antropologico/Separatas1993/anuario93\\_giraldaseyferth.pdf](http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1993/anuario93_giraldaseyferth.pdf)>. Acesso em: 22 fev. 2015.

Recebido em: 31/05/2016  
Aprovado em: 06/12/2016